



REPÚBLICA DE ANGOLA
INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
ISCED – LUANDA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS AFRICANAS

**O NÃO LUGAR DA NEGRITUDE CABO-VERDIANA
NA LITERATURA FEITA PELO GRUPO CLARIDOSO**

Autora: Conceição Alexandre Lourenço

Orientador: Manuel Muanza

**Trabalho apresentado para obtenção do Grau de Licenciatura
em Ciências da Educação**

LUANDA, 2024

REPÚBLICA DE ANGOLA
INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
ISCED – LUANDA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS AFRICANAS

O NÃO LUGAR DA NEGRITUDE CABO-VERDIANA
NA LITERATURA FEITA PELO GRUPO CLARIDOSO

Autora: Conceição Alexandre Lourenço

Orientador: Manuel Muanza

Trabalho apresentado para obtenção do Grau de Licenciatura
em Ciências da Educação

LUANDA, 2024

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

EPÍGRAFE

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS	5
EPÍGRAFE	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	12
1.1. História do problema.....	12
1.2. Problema	13
1.3. Objectivo geral.....	13
1.4. Objectivos específicos	13
1.5. Metodologia	13
1.6. Quadro teórico	14
1.7. Estrutura do trabalho.....	15
1.8. Termos e conceitos	16
1.9. Revisão da literatura	17
CAPÍTULO II - MÉTODOS E MATERIAIS	19
2.1. O conceito de negritude	19
2.1. Abordagem das poesias	21
2.1.1. A seca e suas implicações	21
2.1.2. O mar como estrada da liberdade	22
2.1.3. A insularidade	24
2.1.4. A pobreza do arquipélago	25
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	27
3.1. A poesia	27
3.2. A Cabo-verdianidade	28
3.3. A miscigenação	30
3.4. Propostas metodológicas.....	32
CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

O movimento em torno da revista *Claridade* é considerado pelos críticos o maior acontecimento do panorama literário cabo-verdiano. No início do século XX se desenvolveu uma literatura *sui generis* nos países africanos de língua portuguesa e, em Cabo Verde essa construção deu-se com o advento da *Claridade*. As condições para o seu surgimento tiveram origem, de um lado, em factores locais que geravam forte descontentamento no Arquipélago e, de outro, na articulação de uma elite letrada local e com um ambiente internacional efervescente (movimento futurista na Europa, modernismo brasileiro e o movimento da negritude na França).

As ilhas mergulhadas na miséria das secas e da fome, o índice de mortalidade elevado e a situação de abandono teriam estimulado o nascimento de um movimento de insatisfação e denúncia dos problemas sociais diante do descaso da metrópole. *Claridade*, revista de arte e letras, lançada na cidade de Mindelo, ilha de São Vicente, tinha como lema fincar os pés na terra. O grupo assumiu uma atitude crítica perante a realidade cabo-verdiana e passou a produzir uma literatura que se dedicava a reflectir sobre a realidade do Arquipélago, o carácter e o sofrimento do povo cabo-verdiano, assumindo uma perspectiva de literatura como função social. Por isso, achamos oportuno a escolha desta temática porque *Claridade*, uma revista de artes e letras, e o grupo *Claridade* vieram a ser o fulcro histórico das actividades intelectuais de Cabo Verde. Essencialmente literária, nem por isso deixa de nela aparecer notas que apontam não só as características sociais de Cabo Verde, mas também às suas raízes humanas e telúrica, conferindo ao dialecto de Cabo Verde uma presença de honra. Não são os elementos culturais africanos que adquirem importância, mas sim, os elementos crioulos, o produto de uma aculturação, que ganha um fundo valor nos propósitos dos *Claridosos*. Assim, *Claridade* e o grupo *Claridoso* são sinónimos do começo da literatura cabo-verdiana.

1.1. História do problema

Quando, em 1936, se publicou a revista *Claridade*, algo de salutar e de positivo surgiu em prol e como prova da verdadeira cultura literária cabo-verdiana.

Assim, durante as leituras que fizemos no centro de língua portuguesa do ISCED-L sobre os textos dos autores que fundaram a revista *Claridade*, percebemos a inexistência

da negritude nos referidos textos. Com isso, nos prepusemos a explicar o não lugar da negritude cabo-verdiana nos escritos literários dos Claridosos.

1.2. Problema

À medida que líamos, notámos que é escassa e quase inexistente os traços da negritude nos textos dos autores da geração da Claridade.

Portanto, para o nosso trabalho estabelecemos a seguinte questão de partida:

Que relevância tem o estudo do não lugar da negritude na literatura feita pelo grupo Claridoso.

1.3. Objectivo geral

- Explicar o não lugar da negritude cabo-verdiana na literatura feita pelo grupo Claridoso.

1.4. Objectivos específicos

- Demonstrar a inexistência da negritude nos escritos literários dos Claridosos;
- Compreender as mensagens que os textos transmitem;
- Sugerir proposta metodologia para o ensino da poesia na sala de aula.

1.5. Metodologia

Na realização do nosso trabalho recorreremos ao uso da metodologia qualitativa, pois segundo Marconi e Lakatos é uma metodologia centrada na interpretação e análise dos fenómenos ou factos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Mais adiante sublinham que, também, fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento (2008: 269).

Escolhemos a metodologia qualitativa por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, pela complexidade do uso da metodologia qualitativa, a nossa inexperiência na utilização desta metodologia e o período de tempo que pretendíamos gastar com o presente trabalho.

Em segundo lugar, a especificidade do nosso trabalho de fim de curso, nos dá maior liberdade de usarmos esta metodologia.

Como técnica de recolha de dados optamos pela análise documental. Uma técnica que nos permitiu ler alguns textos das obras dos fundadores da revista *Clareza*, materiais de teóricos que estudaram acerca do respectivo grupo, bem como revistas de sites electrónicos.

1.6. Quadro teórico

O nosso trabalho segue o fundamento teórico de Russell G. Hamilton (1984), onde o autor afirma que, a partir dos anos 30, a literatura Cabo-verdiana se vinha desenvolvendo por meio de um processo histórico complexo e cheio de contradições oriundas, em parte, do modo como os escritores perspectivavam os problemas endémicos do Arquipélago e de como encaravam o conceito de Cabo Verde, como uma região etnocultural num espaço politicamente interdita. Hamilton fundamenta ainda que, sendo homens da sua época, os intelectuais dos anos 30 viam-se sob muita pressão de ajustar o seu eurocentrismo arraigado aos seus sentimentos etnoculturais da cabo-verdianidade imbuída, inevitavelmente com elementos oriundos da África. A ideia do regionalismo nutrida pelos intelectuais e, por outro lado, o isolamento do Arquipélago no contexto africano permitiu aos elementos desse grupo renegar os africanismos encontrados em Cabo Verde.

Segundo Manuel Ferreira (1983), a sociedade cabo-verdiana foi ao longo dos séculos adquirindo uma mestiçagem étnica e cultural que fez dela um capítulo específico da sociedade africana. Daí que, o sentimento de cor seja muito diluído e que na sua literatura moderna, a representação do quotidiano, não se dê pela cor das personagens. Por isso é que, falar de negritude em relação à literatura de Cabo Verde não teve sentido. A designação semântica é a de cabo-verdianidade.

Para Onésimo Silveira (1963), era preciso tornar o homem caboverdiano consciente de seu destino africano e, ao invés de considerar Cabo Verde como um caso de regionalismo Europeu, passar a considerá-lo um caso de regionalismo africano, por via do influxo do renascimento africano, que revitaliza todos os campos de actividades e todos os momentos de espiritualidade do homem negro.

Para Gabriel Mariano (1991), o propósito do grupo Claridade era de fincar os pés na terra. O acto de querer fincar os pés, atendidas as coordenadas culturais da época e ao condicionalismo jurídico-administrativo de Cabo Verde, implicava, pelo menos, a existência de um conjunto de preocupações e de experiências comuns, construídas previamente, as quais fossem capazes de revelar a ossatura de um movimento. Entender e revelar o Cabo Verde implicava apreender as angústias, os conflitos, as inquietações do caboverdiano, entendido este como um ser definível por um conjunto concreto de revelações: geográficas, económicas, sociais e aprofundando-se, por conseguinte, o conhecimento do homem crioulo e da sua movimentação no espaço e no tempo.

1.7. Estrutura do trabalho

O nosso trabalho segue à proposta de Mário Azevedo sobre a estruturação da escrita.

Segundo Mário Azevedo (2001), o Relatório Clássico é constituído por cinco capítulos que são:

- I. Introdução.
- II. Revisão da literatura.
- III. Métodos e Materiais.
- IV. Resultados.
- V. Conclusão e Discussões.

O autor fundamenta que, em trabalhos curriculares, a introdução e a revisão da literatura podem ser reunidas num único capítulo. Assim, o nosso trabalho fica estruturado do seguinte modo: I- Introdução; II- Métodos e Materiais; III- Resultados V- Conclusão.

No primeiro capítulo, evidenciamos o historial do problema, realçamos os objectivos da nossa pesquisa, apresentámos a metodologia que o nosso trabalho seguiu e o quadro teórico, apresentámos a estrutura do trabalho, termos e conceitos, e não dispensamos a revisão da literatura.

No segundo capítulo, apresentámos os textos dos autores da Claridade, fundamentámos com textos de teóricos que abordaram o tema e procuramos entender as mensagens que os textos transmitem.

No terceiro capítulo, apresentámos os resultados alcançados com a nossa pesquisa.

No quarto capítulo, apresentámos a conclusão do nosso trabalho.

1.8. Termos e conceitos

Negritude: movimento artístico e literário cuja finalidade foi a busca pela valorização do negro e das raízes culturais africanas. Este termo remete-nos aos sentimentos reivindicatórios que caracterizaram as configurações mentais de sucessivas gerações de Cabo-verdianos formados sob o signo da proeminência da civilização ocidental e da grande tradição portuguesa. Contudo, a reivindicação, originalmente formulada na crença da capacidade que o africano possuía de igualar as proezas dos europeus viria evoluindo através das décadas.

Usamos este termo porque, na sequência do movimento da negritude e da necessidade de afirmação cultural da herança africana, os africanistas enveredaram pelos complexos e inúmeros caminhos da tradição oral africana, quer a nível da recolha e estudos de textos, sua fixação e classificação, quer ainda na sua premeditada incorporação nos universos da escrita literária.

Claridade: revista que revolucionou a história literária de Cabo Verde lançada em 1936. Esta revista foi e continua a ser ainda hoje considerada como marco da proclamação da verdadeira literatura de Cabo Verde.

Claridoso: grupo que fundou a revista Claridade tendo como principais mentores, Baltazar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa. Este movimento foi lançado em Mindelo na cidade portuária de São Vicente, porém, tendo estes mais contacto com o mundo fora. Entretanto, este contacto entre São Vicente e Lisboa mantinha estes intelectuais a par de tudo que se filtrava em Portugal e outros cantos do mundo. De facto, este contacto inspirou o título e a orientação desse grupo.

Etnocultural: conjunto de costumes que caracterizam a herança de um povo. Usamos este termo em função do contexto social em que Cabo Verde se encontrava dada a ausência virtual de uma relação entre dominado e uma classe dominante altamente visível ou diferente em termos culturais e fenotípicos, a ideologia da integração humana e cultural servindo cada vez mais como uma força aglutinadora atrás da ideia de nacionalidade.

1.9. Revisão da literatura

Para a revisão da literatura lemos as obras dos seguintes autores:

Para Manuel Ferreira (1973: p, 18) do ponto de vista étnico e, mas importante do que isso, do ponto de vista cultural, as ilhas de Cabo Verde no vasto panorama africano, apresenta-se hoje como um caso de originalidade humana. No percurso histórico e social do homem caboverdiano, os traços ou padrões de cultura africana, ao longo dos séculos foram-se deluindo nos estratos culturais europeus. E de uma mestiçagem, larga e funda, tanto étnico e cultural, por certo à custa de destúrbios quantas vezes dolorosas, dramáticas, se partiram para uma criouliização e, entretanto, para a sedimentação de uma cultura específica. Em consequência, a solução racial terá encontrado ali, e pela primeira vez numa situação de contacto euro-africano, a sua expressão harmoniosa. Processo ainda inacabado e em contínua evolução, em quotidiana reestruturação, pode aludir-se sem receio a uma simbiose que, em confrontação com a negritude, levo àquilo que se designa por cabo-verdianidade e nos seus extremos bem se poderia exprimir por cabo-verdianidade. Contextualização social individual cuja expressão terminou por se personalizar numa literatura própria.

José Carlos Venâncio (199: p,5) afirma que a formação da literatura caboverdiana, que o mesmo será dizer, a consciencialização cultural na literatura caboverdiana, acontece a partir dos meados da década de 30 e sob influência do modernismo brasileiro. Os escritores e poetas cabo-verdianos começaram por aprofundar e enaltecer os valores regionais, solidificando dessa maneira a especificidade social e cultural do seu Arquipélago. Assiste-se a um fincar de pés na terra dos intelectuais cabo-verdianos. Por este conceito entende-se a mundividência do homem cabo-verdiano, sobretudo, do intelectual, construída sobre a interpretação que ele faz da realidade material e humana que o rodeia.

Segundo Pires Laranjeira (1995:p,131) Cabo Verde constitui sempre um caso à parte nas literaturas africanas de língua portuguesa, não só por ter um património em crioulo, como por a questão rática não ter atingido qualquer expressão significativa na vida da sociedade, embora os intelectuais brandissem a flâmula da cor negra e da herança cultural africana no período mais aceso da negritude.

Hamilton Russell (1984:p,95,97) diz que no Cabo Verde dos anos 30, quando a elite intelectual começava cristalizar-se, a questão da harmonia racial como factor político e económico tinha pouca importância diante de problemas endémicos como a seca, a fome, as epidemias, o desemprego e a emigração. A ideia do caboverdiano como colono a participar na evolução social e económica das ilhas contribuiu para a cabo-verdianidade que surgiu entre os intelectuais cabo-verdianos, a partir do fim do século XIX. Uma das bases da cabo-verdianidade é, portanto, a convicção de que o próprio filho da terra modelou o seu próprio destino histórico, no qual participava como actor e não como simples rector.

Segundo Gabriel Mariano (1991:p 44,47), em Cabo Verde o processo aculturativo desabrochou no florescimento de expressões novas de culturas mestiças que, no Arquipélago puderam o negro e o mulato apropriar-se de elementos da civilização europeia e senti-los como seus próprios. Cabo Verde diferentemente do que sucedeu nos outros territórios colonizados por portugueses, foram os negros e os mulatos os responsáveis directos na estruturação da sua sociedade.

CAPÍTULO II - MÉTODOS E MATERIAIS

Neste capítulo, faremos uma abordagem sucinta a volta do surgimento da negritude a fim de que possamos compreender, por meio da análise da poesia de alguns autores da revista *Claridade*, a inexistência da negritude nos referidos textos.

2.1. O conceito de negritude

O encontro dos intelectuais negros fora de seus espaços geográficos gerou uma importante reunião de pensadores engajados na questão negra. Léopold Senghor, do Senegal, o mais antigo no grupo, Aimé Césaire, da Martinica, o criador da palavra negritude, e Léon Gontran Damas, o divulgador das caracterizações desse conceito no ambiente cultural das Antilhas, consideravam três momentos na sua evolução: tomada de consciência, reabilitação do passado e adaptação a formas novas.

A negritude, como movimento, reuniu ao mesmo tempo um aspecto literário e filosófico por agregar pensadores negros que, apesar das diferentes origens, traziam questionamentos e reivindicações semelhantes. No início do século XX, sua abordagem possibilitou um embate em resposta aos valores intelectuais preconizados pela intelectualidade branca europeia. Já a negritude pensada como conceito, era a soma total das características dos povos negros do mundo todo. Sendo também referenciadas nos textos como uma maneira de se expressar do homem negro, o mundo negro, e a civilização negra.

A negritude não é simplesmente um conjunto de teorias elaboradas contra o colonialismo, ela representa uma pro-africanidade, uma espécie de formação discursiva e uma produção pan-africana amplamente difundida por sujeitos e instituições que formavam uma rede historicamente constituída.

Para Laranjeira (1995,p198), a negritude foi o instrumento decisivo para combater na era colonial a expressão do que com o suporte sociológico do luso-tropicalismo poderia redundar numa lusofonia persistentemente englobante, quando o movimento teórico e prático ia na direcção contrária. A vigência da negritude corresponde ao período da máxima tensão entre a descoberta de uma identidade negro-africana geral, e a pesquisa de uma identidade particularizante nacional. A negritude serviu o objectivo generalizante fora da alçada do espectro da lusofonia.

No entanto, o conceito de negritude foi lançada a partir de 1934, com a publicação do periódico "*L' Etudiant Noir*" (o estudante negro), mas foi apenas na antologia poética de escritores negros para qual Jean Paul Sartre escreveu o famoso prefácio "*Orphée Noir*" (orfeu negro), que ele teve seu instante de maior força. Em verdade, o movimento teve seu momento efêmero na reunião geográfica dos pensadores negros em França, nas décadas de 1930 e 1940. O conceito ainda foi debatido e divulgado nos congressos de artistas e escritores negros de 1956, em Paris, e de 1959, em Roma.

Com isso, a negritude pretendia situar a cultura africana como totalidade inequívoca, num pé de igualdade com a cultura europeia. Libertá-la da sua condição subalterna, deixar de ser entendida apenas pelo lado humilhante do exotismo, para afrontar com dignidade todas as outras culturas inapropriadamente ditas até aí superior (Ferreira 1975, pag 37,38).

Assim, quer nos Estados Unidos da América do Norte, quer em Cuba e sobretudo nas Antilhas, diversas manifestações haviam já decorrido no propósito de afirmarem a cultura negra com objectivo de a libertarem da categoria de subproduto a que os europeus ou os homens de cultura ocidental haviam relegado. Mas é nessa época que se substancia todas as tentativas anteriores e se da corpo a consciência a um verdadeiro movimento tendente a revalorização dos valores humanos, sociais, literários e artísticos do homem afro-negro. No entanto, esta tomada de consciência passou despercebida aos intelectuais cabo-verdianos e em nada teria influenciado no processo literário das ilhas crioulas. Além disso, a estrutura social de Cabo Verde, específica no quadro dos valores africanos, não se mostrava muito receptiva, pelo menos, nessa época a um movimento com as características do que eclodiu em Paris. Ora, este tipo de problemas não de molde a alcançar um certo acolhimento ou só mui delicadamente o poderia ter sido em Cabo Verde, mesmo que os intelectuais se tivessem dele apercebido, larga miscigenação étnica e cultural no seio do Arquipélago, permitiu que o cabo-verdiano de há muito tempo viesse apropriando-se do processo interno das suas estruturas sociais e, por isso, a África, em termos raciais, étnicos ou em termos de terra-mãe, ali não se impunha. O que impunha era pensar o nosso problema, isto é, o problema de Cabo Verde. (Ferreira. 1975, pág 85,86).

Para Venâncio (1992, pág 59), o processo de formação reside no facto de em Cabo Verde ter preexistido ao acto de escritura a uma sociedade bioculturalmente homogénia. Está homogeneidade, por muitos intelectuais cabo-verdianos, é identificada

com a nação que terá preexistido ao estado. Este particularismo constitui um dos factores explicativos do carácter não político da literatura cabo-verdiana sob condições ecológicas difíceis.

Uanhenga Xito (cit Venâncio1992: pág, 93), afirma que em mais nenhuma ex-colónia portuguesa houve nesse período, (antes da independência), tanta liberdade para os escritores retratarem os problemas sociais da sua terra como em Cabo Verde. Não obstante a origem colonial escravocrata da sociedade crioula sedimentada nas ilhas, a grande predominância das componentes étnico raciais e negro mestiçada na composição do povo cabo-verdiano e as correlativas desvalorização simbólica e repressão histórica das manifestações culturais de matriz afro-negra, e da componente negra da cultura cabo-verdiana, escassos são os traços de africanidade e de negritude na poesia cabo-verdiana feita pelo grupo fundador da revista *Claridade*, como veremos nos textos a seguir.

2.1. Abordagem das poesias

2.1.1. A seca e suas implicações

Devidas às estiagens e a degradação do clima, o sujeito poético, nesta estrofe, começa por retratar as condições difíceis do Arquipélago:

Foi a estiagem

E o silêncio depois

Nem sinal de planta

Nem restos de árvore

No cenário ressequido da planície.

Como sabemos, a estiagem é um fenómeno climático que tem como consequência a falta de chuvas por períodos prolongados. Quando isso acontece, a arborização e toda a vegetação em geral que está ligada, como em toda parte, à regularidade das chuvas, e à fertilidade e abundância delas secam, as terras não produzem, por consequência há fome e morrem milhares de pessoas. António Carreira (1984: p, 20).

Há quanto tempo não rodam

As pedras dois moinhos.

Há quanto tempo não se houve
 O som monótono e madrugador
 Dos pilões cochinho
 Que é desse ruído anunciador
 Das refeições do povo?

Segundo Basil Davidson (1998: p 208), o que foi possível compreender, vendo o que se passava todos os dias, é que a ecologia e a economia rural do Arquipélago se afundavam cada vez mais no deserto e no declínio. A velha economia baseada no comércio, que surgiu no século XVI, deu lugar a uma agricultura de subsistência, baseada no milho e no feijão. Ao longo de quatro séculos, o Arquipélago viveu cem anos de fome e de aterradora mortalidade, e este cultivo enfraquecido pela seca, revelou-se imponente para evitar esse facto.

Tão silenciosa a tragédia das secas
 Nestas ilhas.
 Nem gritos nem alarme
 Somente o jeito passivo de morrer.

António Carreira (1984:23) diz que é impossível descrever o espantoso quadro de miséria que se nos deparou ali, figuras esqueléticas, aos montões, estiradas no chão das infectas espeluncas, abrem descancaradamente a boca ressequida pedindo pão, implorando socorro. Todas àquelas palhotas acham-se de desgraçados, sofrendo cruelmente os horrores da fome.

Nestes tempos
 Não tem descanso
 A pardiola mortuária da regedoria

2.1.2. O mar como estrada da liberdade

Partir sozinho, mar em fora;
 A ansiedade nos meus nervos

Como o vento nas velas pandas do navio

Só e bravio,

Bravio e só no meio de coisas estranhas

Familiar como as coisas estranhas.

Nesta estrofe, o sujeito poético mostra-se ansioso para partir e vê o mar como elemento facilitador desse anseio. José Carlos Venâncio diz que a terra, a iminência da seca parece tê-los preocupado em primeiro plano. Na impossibilidade de a combater pelo trabalho, resignam-se ou viram-se para o mar, para a saída que o mar pode oferecer.

Por conseguinte, o sujeito poético explicita o motivo por detrás do seu desejo de partir.

Olharei depois estes montes um a um

Esses coqueiros esguios, este céu azul e ardente

Que não promete chuva

As mesmas coisas que se repetem todos os dias.

Segundo Luís de Albuquerque (1991: p, 4,5) o clima tem definido as características físicas e humanas das ilhas, determinado tipos particulares de solidariedade entre as diversas ordens de fenómeno, como evolução das formas topográficas dos solos e da vegetação, do regime hídrico e dos tipos de ocupação humana. Porém, não são as condições térmicas, de temperaturas geralmente elevadas em todo ano, as que mais contam. São sobretudo, as de precipitação que constituem o principal desafio, o eixo em torno do qual gira o mundo cabo-verdiano. Por tal facto, a vegetação natural e as plantas cultivadas, os animais e o homem sofrem constantemente os efeitos de adversidades relacionadas com situações de secura meteorológica anuais e seculares.

Por fim, o sujeito poético vê a partida como meio de libertar-se das condições difíceis vividas no arquipélago:

Pensarei que me libertei de tudo

Por que um dia libertei-me dela

Que alguma coisa me chamou ao longe

E fui seguindo o mundo.

Ora, a emigração representa para o cabo-verdiano o que representa para qualquer outro povo: a interrupção violenta das relações que ele estabeleceu com o seu meio natal. Há, no entanto, os casos extremo em que a partida como que se desintegra do processo de que logicamente faz parte, isolando-se do complexo social e económico que a permite e a explica para reduzir a momento meramente cronológico, adquirindo o relevo e o significado de um meio de libertação reactivamente à impossibilidade de sobreviver em Cabo Verde. E esta impossibilidade de sobrevivência que levada às suas últimas consequência provoca o desespero de querer partir. Mariano (1991,p: 100).

2.1.3. A insularidade

Ai o mar

Que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos!

Ai a cinta do mar

Que detém ímpectos

Ao nosso arrebatamento

E insinua

Horizontes para lá

Do nosso isolamento!

É sabido que o isolamento provoca ou excita a ânsia de convivência. Assim, no segundo verso, o sujeito poético diz que o mar aumenta-lhe o desejo de experimentar outros lugares. Pires Laranjeira diz que a insularidade, ou seja, o sentimento de solidão, de nostalgia que o ilheu experimenta face ao isolamento e aos limites da fronteira líquida que o separa do resto do mundo, cria-lhe um estado de ansiedade que o leva a sonhar com outros horizontes para lá do mar. O factor geográfico do arquipélago constituído por dez ilhas reactivamente pequenas, juntamente com os condicionalismos climáticos, marca a sentimentalidade e a maneira de estar do homem caboverdiano. (1995,p:193).

O mar!

Pondo rezas nos olhos lábios

deixando nos olhos dos que ficaram
 a nostalgia resignada de países
 distantes que chega até nós nas estampas
 das ilustrações nas fitas de cinema
 E nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
 quando desembarcam para ver a pobreza da terra!

Segundo Hamilton (1984,p:160), Cabo Verde, devido à sua estagnação económica, tem estado perenemente numa condição de transição social forçada pela esperança ou pelo espectro da emigração.

2.1.4. A pobreza do arquipélago

Mamãe-terra
 Venho rezar uma oração ao pé de ti
 Teu filho vem dirigir suas súplicas a Deus nossenhora,
 por ele
 por ti
 pelos outros teus filhos espalhados
 na superfície cinzenta do teu ventre mártir
 Mamãe-terra

No sétimo verso, o sujeito poético usa, metaforicamente, a expressão cinzenta e o seu ventre mártir para caracterizar a difícil condição económica em que o Arquipélago estava mergulhado. Por estar economicamente pobre e não poder produzir o suficiente para alimentar os seus filhos espalhados na sua superfície, para o sujeito poético é o mesmo que estar morto.

Para António Carreira (1984:36), outra causa importantíssima do atraso da agricultura em Cabo Verde consiste na irregularidade das chuvas da qual resultam as terríveis crises alimentícias que tanto amiúde flagelam e obrigam a enorme dispêndio de

dinheiro do Estado em socorro aos famintos. Tal irregularidade é bem notória e desde tempos imemoráveis, nalguns casos é absoluta a falta de chuvas e por conseguinte nula a produção nos terrenos de sequeiros, ficando privada dos meios de se alimentar a população que vive da pequena cultura, e tendo o estado que acudir-lhes com trabalhos públicos de socorro, para que não morram milhares de pessoas.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, procuramos compreender a natureza da escrita Claridosa do ponto de vista das influências obtidas pelo meio que os cercava.

3.1. A poesia

A poesia como qualquer manifestação artística e apesar de toda característica imanente da personalidade do poeta é necessariamente um produto do meio em que tem expressão. Por maior que seja a influência do próprio indivíduo sobre a obra que produz, esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada. A poesia tem as suas raízes mergulhadas nas condições socioeconómicas em que é criada. Assim, a poesia cabo-verdiana, como qualquer outra, só poderá ser compreendida se considerada em relação ao ambiente material e humano vivido pelo poeta. É a própria condição económica em que viviam que facilitou aquele alheamento das realidades cabo-verdianas.

Para os claridosos o retorno às raízes teria sido encarada na perspectiva da valorização da criouldade, enquanto produto identitário comum a todas as ilhas e resultado acabado da evolução social e cultural do Arquipélago cabo-verdiano, que teria caminho irreversivelmente para a diluição da herança cultural afro-negra. A criouldade, enquanto base identitária e comum lastro da unidade psicológica e social dos cabo-verdianos, seria, por sua vez, considerada como corolário da ascensão e da aristocratização sociais e culturais do negro e do mulato e da consequente democracia social, cultural e racial reinante num mundo lusotropical, de cuja estruturação o crioulo cabo-verdiano teria sido incontestavelmente o mestre e no qual os preconceitos racionais e as formas de categorização racial teriam sido expulsos ou ressemantizados por formas de categorização estritamente social.

Cabo Verde caracterizar-se-ia pela pouca consistência dos vínculos coloniais, pelo abandono administrativo dos cabo-verdianos e pela insignificância da presença branca que, na sequência da prematura desagregação da sociedade escravocrata e do povoamento das ilhas de ocupação humano menos antiga essencialmente por negro e mulatos já aculturados e em regime de latifúndio, se tornou quase inócua. As secas e a pobreza da terra então chamado Arquipélago da fome, teriam por um lado, inviabilizado a

implantação da economia capitalista de plantação característica de outros territórios tropicais emergente do latifúndio e da economia escravocrata, e, assim, impedindo a consolidação do poder económico-cultural de uma minoria branca, ainda que fosse crioula. O derradeiro santuário racista da classe possidente crioula branca, a ascensão social e cultural do negro e do mulato teria levado aos fenómenos sociológicos acima referido, de ascensão, aristocratização sociais e culturais do homem de cor, comuns ao conjunto do Arquipélago cabo-verdiano. Nesta óptica, o branco, o negro e o mulato cabo-verdianos libertos de preconceito rácicos e angústias identitárias, perspectivariam como comuns as suas atribulações e sentir-se-iam igualmente responsáveis pelo destino do Arquipélago. É, pois, nessa peculiaridade histórico-cultural de Cabo Verde que residiria a especificidade do movimento claridoso, por contraste com outros movimentos africanista, afro-crioulas ou negristas de retorno às raízes.

3.2. A Cabo-verdianidade

A partir da segunda metade do século XIX, começou a surgir no seio dos intelectuais cabo-verdianos uma atitude de defesa do espaço a que pertence (a terra-pátria) e da sua identidade cultural, demonstrando uma tomada de consciência da especificidade do cabo-verdiano, o sentimento de ser cabo-verdiano e a percepção da necessidade de preservação da sua identidade.

Para afirmarem que Cabo Verde tinha uma identidade própria, os intelectuais cabo-verdianos criaram vários conceitos. Uma delas é a cabo-verdianidade. Este conceito surgiu com os nativistas. Eles defendiam que Cabo Verde tinha uma cultura própria, uma língua e uma identidade própria. Esta ideia de resgate e valorização da identidade cultural cabo-verdiana, a cabo-verdianidade, não parou com os nativistas. Os claridosos também se preocupavam com isso. Para os claridosos, a cabo-verdianidade era o *sine qua non* da sua ideia de reivindicação. Eles defendiam uma identidade mestiça para o povo cabo-verdiano. A cabo-verdianidade aqui é entendida como a especificidade da cultura cabo-verdiana dentro do contexto colonial português. Para eles, a cultura cabo-verdiana não é nem Europa nem África, e sim cabo-verdiana.

A cabo-verdianidade é aquilo que identifica socioculturalmente o povo e a nação cabo-verdiana e que, por conseguinte, os distingue dos demais povos e nação, entre elas estarão certamente as mistura, as mestiçagens conseguida dos diferentes grupos sociais,

étnicos e culturais provenientes de diversos continentes e paragem geográficas que convergiram no decurso de século ao Arquipélago de Cabo Verde e aqui se fundiram, originando um povo e uma nova nação, com uma cultura própria, a que poderá chamar de identidade cabo-verdiana ou simplesmente cabo-verdianidade.

Segundo o censo de 1960, 70% da população era composta por mestiços, 20 por cento por negros e 10 por cento por brancos. Ora, a questão do secretismo cultural e da homogeneidade racial e ética em Cabo Verde tem de ser vista na sua devida perspectiva, particularmente na medida em que a cabo-verdianidade foi propagada pelas elites indígenas durante o tempo colonial. Sabemos, portanto, que a questão de raça é tanto social quanto biológica e, por isso, tanto subjectiva quanto objectiva. Em Cabo Verde as distinções raciais, como as de classe, nunca deixaram de ter uma certa importância socioeconómica. (Hamilton, pág. 95, 96, 98).

Assim, os Claridosos, atendendo aos textos que nos legaram, não puseram o sistema colonial em causa e não se assiste neles a reivindicação de um estatuto nacional para Cabo Verde, tal como acontece em outras literaturas africanas de língua portuguesa.

A respeito disso, Manuel Ferreira (1967: pág. 233,280) afirma que do núcleo claridoso, aproveitando o amor ao estudo da terra-mãe, a preocupação dominante de revelar os seus valores culturais, sociais, e também o interesse que lhes mereceram as raízes populares e tradicionais, lançavam-se, por um lado, ao ensaísmo de revalorização do homem das ilhas e, por outro lado, na representação e expressão do real cabo-verdiano através da ficção ou da poesia. Os seus objectivos eram assim, encontrar o modo e a voz do universo crioulo. Neste aspecto, podemos ver que os escritores cabo-verdianos foram, ao longo do tempo, dando o seu testemunho do quadro vivencial de Cabo Verde.

Um dos temas centrais desenvolvidos na revista *Claridade* refere-se, como vimos nos textos espelhados acima, ao espaço, à paisagem e ao clima em Cabo Verde e sua participação na definição dos traços que caracterizam os habitantes das ilhas. O clima certamente pode ser considerado um factor de grande influência na formação de Cabo Verde, que esteve sujeito a frequente e prolongadas estiagem ao longo de sua história. As secas e as crises de fome condicionaram, em larga medida, a trajectória socioeconómica do país, deixando sua marca na dura realidade vivenciada pela população do Arquipélago, obrigada a enfrentar uma série de dificuldade para sobreviver.

Inseridos nessa realidade, os escritores do movimento Claridoso apropriaram-se com destaque do meio ambiente do Arquipélago em seu discurso, construindo-o como um factor central na construção da personalidade do homem cabo-verdiano. O que percebemos na análise de alguns textos publicados na revista *Claridade* é que se adoptou em um discurso determinista na construção da especificidade cabo-verdiana. Conforme esse discurso, a personalidade do homem das ilhas era condicionada por factores de ordem climática e geográfica, e a participação do meio ambiente na formação da idiossincrasia crioula era central.

O movimento que se formou ao redor da revista *Claridade* atingiu o seu apogeu na reivindicação dos valores locais e tomou para si a voz que, até então, era exclusiva dos colonizadores. Essa virada consistiu na procura de temas do dia-a-dia, do drama do homem das ilhas, do universo da seca, da fome, da insularidade, da aridez e da emigração, e na afirmação de uma identidade heróica tecida com base nas condições impostas pelo clima e pela geografia.

3.3. A miscigenação

No processo de formação do homem cabo-verdiano, a miscigenação aparece como factor fundamental.

A miscigenação é o cruzamento de raças humanas diferentes. Desse processo, também chamado de mestiçagem ou caldeamento, pode-se dizer que caracteriza a evolução do homem. O indivíduo resultante desse processo é designado de mestiço.

As grandes descobertas do século XV e o povoamento de novas terras, consequentemente, levaram os europeus e, particularmente os portugueses, ao contacto com grupos étnicos de características antagónicas muito diferentes, que depressa deram origem a numerosos tipos bem individualizados.

No caso específico das ilhas de Cabo Verde, achadas desertas, o povoamento pôs em contacto dois elementos raciais e culturais diferentes: o branco e o negro, que cruzaram desde a primeira hora. Em presença um do outro, sobre pressão de vários factores, nomeadamente a carência de mulheres brancas, a facilidade de relacionamento do português, as relações havidas entre homens brancos e mulheres negras, a orografia das ilhas e a mobilidade dos primeiros comerciantes, fundiram-se dando origem ao homem crioulo, com uma língua de comunicação e uma cultura própria (Mariano, 1959).

Por outro lado, a história económica e social de Cabo Verde, o regime latifundiário, aplicada em Santiago, e o regime minifundiário, aplicada nas outras ilhas, terá determinado as características da miscigenação que em parte definem a fisionomia própria do homem cabo-verdiano. Como resultado dessa miscigenação, surge o mestiço que passou a ser um importante elemento na divulgação e afirmação da identidade cultural cabo-verdiana.

O mestiço passa, efectivamente, a desempenhar um papel de extrema importância na configuração social, política e económica em Cabo Verde, com ascensão gradual dos mestiços, quer na conjuntura política, quer na económica ou social, estes passam a adquirir cargos reconhecidos, tanto no âmbito literário, como no cultural. O mestiço passa a simbolizar a luta pela afirmação cultural e conquista de direitos na sociedade cabo-verdiana.

Em suma o movimento literário cabo-verdiano surgiu com a revista *Claridade*, em 1936, e vai se firmando, lenta e subterraneamente para fora dessa revista, envolvendo uma geração inteira. *Claridade* surgiu sem o habitual manifesto que andava na moda nessa altura, e sem um programa expresso. O principal projecto da geração da *Claridade* era o de fincar os pés na terra, falar da terra, do homem em todo seu desenvolvimento, da cultura, criando, assim, razão com a terra de forma a proporcionar uma íntima e profunda ligação de amor firme do homem à terra que o sustenta.

Para realizar o desejo de levar o povo a fincar os pés na terra, os homens da geração da *Claridade* dedicaram grande parte do seu interesse ao movimento contrário a esta vontade – a emigração. De facto, o tema da emigração foi amplamente retratado na literatura que marca a geração da *Claridade*.

De par com esta temática e talvez motivada por ela, *Claridade* prendeu-se a temas recorrentes como os do terralongismo geográfico, a terra longe, o local de fuga para onde emigravam os homens de Cabo Verde, o tratamento duplo do elemento mar, mar como prisão, que impedia o cabo-verdiano de alargar os seus horizontes, e o mar como evasão que permitiu ao homem novos conhecimentos, novas experiências e, sobretudo, possibilidades de sobrevivência numa terra, pelo menos, mais fértil ao contrário das montanhas e planície áridas e secas que impediam o cabo-verdiano de subsistir naquela terra tão infértil. A dimensão telúrica da terra onde se revela um incomensurável amor

àquela terra, amor esse que tanto faz sofrer na hora da partida, a tragédia das eternas secas e a alma do cabo-verdiano, levando ao desespero de querer partir.

A envolver todas estas temáticas que giram à volta do grande e marcante tema da emigração e as secas, temas espelhados em todos os textos, mensagens e condutas desses homens da Claridade, a indesmentível e claramente declarada fé desmedida, religiosidade pura deste povo que, mesmo marcados pelas agruras daquela terra, não deixam de esperar que um dia tudo mude e eles possam fincar os pés numa terra que os sustente plenamente.

Por outro lado, ali se vai reestruturando uma cultura caldeada nos valores africanos e europeus, tendendo para uma univalência cultural e construindo uma harmonia racial constata, por exemplo, com o caso antilhano, e isto para referirmos a um fenómeno de aculturação também de natureza insular. O sentimento da cor da pele tão diluído e que na sua literatura cabo-verdiana não chega a denunciar a cor das personagens (Ferreira 1975,pág 25).

Para Manuel Ferreira, a autêntica literatura cabo-verdiana é aquela que exprime a cabo-verdianidade, ou seja, o conjunto de textos cujo enunciado reflecte o real cabo-verdiano. Assim os intelectuais e escritores a partir da Claridade projectaram o seu esforço criador nos grandes seguimentos que representavam ou simbolizavam a parte viva da sua pátria, ou seja, aquela que não adoptava os critérios e os padrões que serviam o colonialismo e assim, alertavam ou implicitamente condenavam tudo quanto vivessem fora deste projecto nacional. Portanto, pode dizer-se que toda poesia cabo-verdiana prosseguida a partir dos anos 30 se nutria de uma substância comum e se ramifica a partir de alguns pontos que são as traves mestras de quase toda a sua poesia ou literatura: as secas e a fome, a emigração, o amar, a evasão, a insularidade (a evasão definida pelo querer partir e ter de ficar, a emigração pelo querer ficar e ter de partir), o Arquipélago batido pela trágica escassez de chuvas, as crises cíclicas devastam dezenas de milhares de vidas, debilitadas pela fome crónica. Estas fomes, com as consequentes depressões económicas, originam emigrações maciças (Ferreira, 1975, pág 69)

3.4. Propostas metodológicas

Muito são os benefícios de se trabalhar a poesia em sala de aulas. Esse género literário aproxima os alunos do prazer da leitura, estimula a interpretação de textos e a

compreensão de sentidos figurativos da linguagem e ajuda a desenvolver o pensamento crítico e a expressar emoções.

Neste contexto, sugerimos as seguintes propostas metodológicas:

- Primeiro começar a aula com uma breve exposição sobre a poesia e sua importância como género textual, e depois fazer uma leitura interpretativa da poesia dos autores da revista *Clareza*.
- Posteriormente, pedir à turma que se expresse sobre a poesia em questão, dando a sua interpretação. Após os comentários, dividir o poema em quatro estrofes e a sala em quatro, e distribuir as quatro estrofes em cada grupo. Após essa divisão, cada grupo deve contextualizar.
- Para finalizar, fazer um paralelo sobre a poesia e os sentimentos, dramas humanos como ferramenta de descrição da alma, de desejos, anseios e sentimentos que habitam o corpo e a mente, a fim de estimular o aluno a produzir um poema a partir do que foi lido, visto e exposto.

Consequentemente, seguindo essa proposta metodológica, do contexto real do aluno para o imaginário, cria-se um espaço rico mediado pelo professor, que estimula o educando a participar, não apenas como ouvinte da disciplina, mas como co-autor nas interpretações possíveis, na medida em que o aprendiz vivencia a história da literatura como parte integrante de seu contexto sócio-histórico e cultural do passado, que, como vimos, pode ser reflectido na contemporaneidade e, a partir de então, o aluno passa a compreender a literatura como manifestação artística inerente e necessária ao comportamento humano.

A partir do exposto, fica evidente que a literatura bem orientada acciona a inventividade de cada aluno porque valoriza a subjectividade do leitor. Assim, o aluno entrega sua imaginação, revela seu potencial criativo descobre que é capaz de interpretar e produzir textos interessantes, a partir do contacto com textos literários, estes, por sua vez, mediado pelo professor de forma interactiva e contextualizada à realidade do aluno, contribuindo para a formação do cidadão crítico.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Mário (2001). Teses Relatórios e Trabalhos Escolares, Sugestões para a Estruturação da Escrita, Universidade Católica. 2.^a ed. Portugal.

DOS SANTOS, Eduardo (1968). O Pan-africanismo de Ontem e de Hoje-MLXVIII- Lisboa.

FERREIRA, Manuel (1975). Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Seara Nova. Lisboa.

FERREIRA, Manuel (1983). A ventura Crioula. Plátano Editora. Lisboa.

GONÇALVES, António Aurélio (1998). Ensaios e Outros Escritos. Centro Cultural Português – Praia-Mindelo.

HAMILTON, Russel G. (1984). A literatura Africana, Literatura Necessária, 11- Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tome e Príncipe. Edições 70. Lisboa.

LARANJEIRA, Pires (1995) A Negritude Africana de Língua Portuguesa. Edição Afrontamento. Porto.

MARIANO, Gabriel (1991). Palavra Africana-Colecção. Cultura Cabo-verdiana. Lisboa.

SILVEIRA, Onésimo (1963). Consciencialização na Literatura Cabo-verdiana. Editorial Minerva. Lisboa.